







FOTOS: ACERVO EAESP

ALDEIA



MARTIN JAYO E RAFAEL VALENTE

# EDIFÍCIO JFK

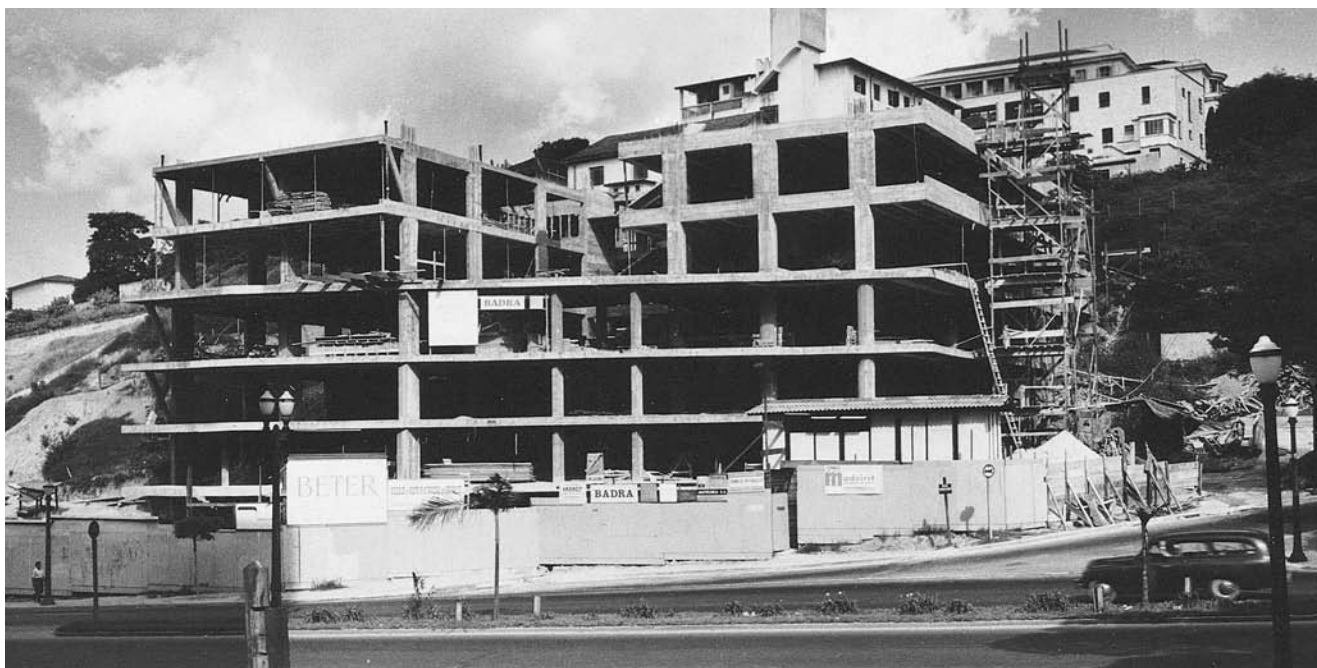
Projetado no final dos anos 1950 e construído na década seguinte, o edifício sede da EAESP incorpora em sua arquitetura marcas da história da instituição. Parte do espaço onde hoje há salas de aula já foi ocupada por 28 apartamentos de 2 dormitórios

Com a construção em fase adiantada, situa-se na avenida 9 de Julho a primeira escola de administração de empresas da América do Sul.” Assim começava, obedecendo às regras de ortografia da época, um artigo publicado em outubro de 1961 na legendaria revista *Acrópole*. A publicação, que circulou entre o final dos anos 1930 e o início dos 1970, é considerada, hoje, um guia do que de melhor se produziu em arquitetura moderna na cidade de São Paulo naquelas décadas.

Ter um projeto exposto ali não era para qualquer um, mas um privilégio reservado aos profissionais mais reconhecidos pelo mercado. Entre eles, Miguel Badra Júnior, um engenheiro-arquiteto de 41 anos, formado na década de 1940 pela Escola Politécnica da USP, que tinha sido contratado pela FGV para projetar as novas instalações da EAESP em São Paulo. Além do prédio da EAESP, Badra Jr. deixou na cidade uma produção bastante eclética, que inclui a sede social do Jockey Club, na rua Boa Vista, cerca de 150 “casas econômicas” no bairro da Vila Mariana, além de residências no Pacaembu e prédios de apartamentos em Higienópolis.

**DOIS DORMITÓRIOS.** Quem hoje percorre o interior do Edifício John Fitzgerald Kennedy, nome oficial (ainda que pouco conhecido) do prédio da EAESP, certamente nota sua divisão em duas alas. Entre elas existe um curioso desnível, que obriga o passageiro a vencer, conforme o andar em que se encontra, uma rampa ou alguns degraus. A impressão que se tem é de que a EAESP ocupa dois prédios vizinhos porém independentes, que em algum momento devem ter sido unidos.

Essa impressão, na verdade, não é de todo equivocada. O prédio foi, de fato, projetado e construído com dois blocos, originalmente pensados para funcionarem de forma separada. O primeiro, que hoje chamamos de “ala sul”, foi projetado “para uso da escola”, como



Obras do prédio no início da década de 1960

descreve o artigo de 1961. O outro (atual “ala norte”) destinava-se a uso residencial e era formado por 28 apartamentos com sala, cozinha, dois dormitórios, área de serviço e dependências de empregada. Somente vários anos depois de construídas é que as paredes que dividiam os blocos – ou melhor, que separavam o *hall* das escadarias da Escola das áreas de serviço dos apartamentos – começaram a ser demolidas, atendendo a necessidades de ampliação e remodelação dos espaços da EAESP.

Apesar das enormes mudanças promovidas ao longo dos anos, alguns vestígios do perfil residencial da ala norte ainda são visíveis ao observador mais atento, e, sobretudo, a quem gosta de arquitetura. Um certo “ar” de prédio de apartamentos sobrevive, por exemplo, na solução dada à circulação vertical na ala norte: dos três elevadores que atendem essa ala, um é central e vizinho às escadas, o que indica que cumpria originalmente o papel de elevador de serviço; os outros dois, laterais e de tamanho menor, destinavam-se à circulação social.

A planta original do andar-tipo, reproduzida na figura 1, confirma essa hipótese. É possível ver os andares da ala norte formados por quatro apartamentos, os da ala sul por salas de aula, e também a ausência de passagem comunicando as duas alas. Sete andares ao todo – do 5º ao 11º – adotavam esse padrão. Apenas os cinco primeiros pavimentos – do térreo ao 4º andar – eram horizontalmente comunicados.

**PROJETO SOB MEDIDA.** Hoje em dia, pode parecer estranho que o edifício sede da EAESP tenha adotado esse partido arquitetônico. Por que, afinal, a Escola se interessaria por manter, nas suas dependências, nada menos do que 28 apartamentos? O estranhamento se dilui, no entanto, à medida que procuramos entender o projeto do prédio à luz da história da Escola.

### **Entre o projeto do prédio e sua conclusão, passaram-se quase 10 anos. Nesse período, a Escola cresceu e passou por grandes transformações**

Criada para atender demandas resultantes do acelerado crescimento industrial que o Brasil experimentava nos anos 1950, a EAESP foi a primeira escola do Brasil, e a quarta do mundo, a oferecer cursos de graduação em Administração. Nesse quadro de pioneirismo, era natural que o Brasil não dispusesse de professores com experiência à altura. Dessa forma, a montagem da Escola e seu funcionamento durante seus primeiros anos de vida exigiram a importação de professores estrangeiros. Um acordo de colaboração firmado entre a FGV e a Michigan State University permitiu trazer esses profissionais.

O acordo envolveu a vinda a São Paulo, em 1954, de uma missão de professores de Michigan – por sinal, capitaneada pelo prof. Karl A. Boedecker, que hoje dá nome à biblioteca – encarregada de montar a escola e implantar os cursos. Ao mesmo tempo, permitiu que professores brasileiros fossem enviados aos Estados Unidos, a fim de cursarem programas de mestrado e doutorado e se prepararem para integrar o quadro docente. Inicialmente previsto para durar quatro anos, o acordo foi renovado por duas vezes, de forma que a EAESP abrigou professores de Michigan durante os seus doze primeiros anos de funcionamento, isto é, até 1966.

Foi nesse contexto que a EAESP – uma escola nascente, que abrigava uma missão de professores estrangeiros temporariamente no Brasil e que precisava de um local adequado para alojá-los – empreendeu, a partir de 1958, o projeto de construção da sua sede. Desde a fundação em 1954, a Escola vinha ocupando, em caráter provisório, dois andares de um edifício na rua Martins Fontes, no centro da cidade, cedidos pelo Ministério do Trabalho. O novo prédio projetado por Miguel Badra Júnior, com 13 mil m<sup>2</sup> distribuídos em 12 pavimentos, foi aprovado em 1958 e sua construção iniciou-se no ano seguinte.

**O PROJETO NA PRÁTICA.** A construção, porém, acabou demorando mais do que o inicialmente planejado, sofrendo várias paralisações. As maiores dificuldades se deviam aos recursos limitados de que a FGV dispunha para financiar a obra – provenientes sobretudo de doações do governo norte-americano –, problema agravado pelo processo inflacionário que já começava a se manifestar no Brasil, na primeira metade dos anos 1960.

Em 1965, ainda em fase de construção, o prédio começou a ser ocupado parcialmente, com a instalação de algumas salas de aula. As atividades da EAESP passavam a se transferir paulatinamente da rua Martins Fontes para o novo prédio ainda em obras. O fim da obra, a transferência completa e a inauguração do edifício, ocorreriam somente no final de 1967.

O prédio ficou pronto, portanto, quase dez anos depois de projetado. Mas, nesse intervalo, a Escola tinha passado por várias transformações. Os últimos professores da missão norte-americana haviam deixado São Paulo em 1966, sem chegar a ocupar os apartamentos que para eles tinham sido projetados em 1958. As unidades acabaram recebendo outro uso, servindo por um tempo de moradia estudantil a alunos estrangeiros, dos programas de intercâmbio da EAESP. Com o passar dos anos, entretanto, o processo de crescimento da Escola exigiu dar novos usos ao espaço. Em meados dos anos 1980, todos os antigos apartamentos já haviam sido convertidos em salas de aula, áreas de circulação, sanitários e áreas administrativas – destinações que, com algumas alterações e reformas, permanecem até hoje.

**FUTURO.** Nos mais de 50 anos que se já se passaram desde sua concepção original, o Edifício JFK passou, como visto, por muitas alterações. A que enfocamos neste artigo talvez tenha sido a mais extrema, porém muitas outras poderiam ter sido comentadas, não fosse a limitação de espaço. O mais importante, contudo, é entendermos que o processo de transformação do prédio não irá se deter. E nem é bom que ele se detenha: a Escola evolui, e seu espaço físico deve evoluir com ela. Quais mudanças ainda teremos que produzir no edifício, é difícil de prever. Mas com certeza vamos trabalhar para que sejam muitas. ■

MARTIN JAYO, professor da FGV-EAESP, martin.jayo@fgv.br  
RAFAEL VALENTE, jornalista, jornalismo.rafael@gmail.com

